

# CONTOS PARA CONTAR OU MOEDAS PARA CORRER?

PELO ENG.º PAULO FERREIRA DE LEMOS

O estudo dos contos para contar, conhecidos também como dinheiros de conto, não foi até hoje sistematizado e pena é que o não tenha sido, pois que, as suas relações com as moedas e com a ciência do cálculo são múltiplas e a sua evolução é uma fonte capaz de fornecer elementos preciosos para os investigadores.

A bibliografia, no que se refere aos contos portugueses, é relativamente pobre e Batalha Reis, dá (1) dela uma sùmula bastante perfeita.

Parece não restarem dùvidas que os contos existiram e tiveram utilidade desde o reinado de D. Dinis, mas o que nos vai ocupar neste artigo não é mais que a destrinça entre contos e moedas.

Conto para contar ou moeda para correr?

É uma interrogação que nos tem aparecido por mais de uma vez, e não vamos certamente esclarecer o problema na sua generalidade, mas se sobre ele chamarmos a atenção dos numismatas e coleccionadores de modo a que tentem aclará-lo com as suas ideias e com seus estudos, já teremos conseguido mais do que esperamos.

Analisando o que, sobre contos, disseram vários autores verificamos que espíritos dedicados à numismática não resolveram o assunto de maneira a não permitirem reticências, lacunas e até fundamentadas dùvidas na interpretação de numismas sobre os quais as incertezas se acumulam.

---

(1) *Cartilha da Numismática Portuguesa*, pág. 401.

Para principiar vejamos o que diz o padre-mestre da numismática portuguesa, Teixeira de Aragão (1):

*« Os contos são peças de cobre ou latão, cunhadas, e algumas vezes fundidas.*

*Em França chamavam-lhe jetons e mereau, e em Portugal contos; nestes as suas legendas, conquanto variadas, dizem, a maior parte das vezes, contos, contos para contar ou dinheiros de contos.*

*Também os havia para as repartições públicas, e nesses achava-se geralmente o nome do monarca reinante.»*

Teixeira de Aragão na nota transcrita não faz referência a um factor importante na identificação dos contos o qual consiste na impossibilidade de pelo peso se integrarem nas séries monetárias do respectivo monarca, e indica alguma das características porque se reconhecem e, cautelosamente (e bem) não é peremptório nas afirmações.

Sobre o metal diz que pode ser cobre ou latão, e segundo cremos poderia afirmar que se fosse latão o numisma era certamente um conto.

Quanto às legendas: *« eram variadas e os usados nas repartições públicas tinham geralmente o nome do monarca reinante ».*

Não se refere à deturpação dos símbolos gravados (cruz, escudo, ornamentos, etc.), usualmente vista em todos os contos.

Teixeira de Aragão chegou a anunciar a publicação de um estudo sobre contos para contar, o que mostra bem o interesse que estas peças mereciam a uma pessoa que levou tão alto o seu carinho por tudo que se relaciona com a numismática.

Outro autor que se refere a dinheiros de conto é Júlio Meili, que nos dá (2) uma lista e gravuras de alguns contos que constituíam a sua colecção e na qual estes se encontram divididos por três épocas:

1) *« Século XIV e XV*

*Diâmetro de 0<sup>m</sup>,021 a 0<sup>m</sup>,024, correspondendo mais ou menos ao meio tornês de D. Fernando».*

2) *« Fins do Século XV*

*Diâmetro de 0<sup>m</sup>,026, correspondendo mais ou menos ao real grosso de D. Afonso V».*

---

(1) *Descrição geral e histórica das moedas*, pág. 246, nota.

(2) *O Arch. Port.*, vol. V, págs. 54 e seguintes.

3) «*Século XVI*

*Diâmetro de 0<sup>m</sup>,028 a 0<sup>m</sup>,031 correspondendo mais ou menos em módulo, espessura e tipo ao tostão de D. Manuel. Parece que os exemplares com a figura do pelicano devem também entrar nesta categoria».*

Os factores de diferenciação a que o numismógrafo citado se ligou foram além do módulo, o metal de que eram feitos os numismas, as legendas e, certamente, o aspecto.

Mas, foi o erudito investigador Manuel Joaquim de Campos quem realmente maior avanço deu para o conhecimento destas interessantes peças. Transcrevemos alguns períodos do seu bem elaborado artigo (1) que servem o fim que temos em vista:

*«Os contos são típicos e absolutamente originais; as suas gravuras não têm semelhanças com as de outras espécies metálicas de parentesco próximo usadas lá fora» (2).*

E falando das legendas diz que (3):

*«Nalgumas legendas há palavras incompletas, como VERDA, CONT, e outras a que não pode ligar-se qualquer significado, tal é a sua variedade».*

*«Certas abreviaturas confundem a investigação e a encaminham dolosamente nos enredos do enigma».*

*«Palavras repetidas em ordem simétrica... e iniciais na mesma disposição».*

*«Abundam letras desnecessárias».*

*«Alguns nomes próprios foram um tanto desfigurados».*

*«A palavra Portugal apresenta também variedades gráficas».*

*«Há notoriamente palavras retrógradas, algumas com letras invertidas».*

*«Nas legendas em latim, que são as mais raras, é exquisita a barba-ridade ortográfica».*

---

(1) O Arch. Port., vol. 7, págs. 289 e seguintes.

(2) Idem, pág. 292.

(3) Idem.

E na página 294 afirma que:

*« Caracterizadas com o escudo de armas do reino elles tem aparência de moedas ».*

Na seriação, Campos, distinguiu 5 grupos, dos quais nos interessa em especial o primeiro, sobre o qual escreve:

*« No primeiro, século XIV, predominam tipos aproximados aos do dinheiro da época. Escudetes com quinas, dispostos crucialmente, e cruces da Ordem de Cristo, ou semelhantes a ela, contornadas de florões, estrelas ou anéis. Bolhão, cobre e latão. Diâmetros 21 a 23 milímetros. »*

O 2.º grupo compreende os contos do século XV com diâmetros de 24 a 27 milímetros, de cobre ou latão.

O 3.º, séculos XV e XVI, em que o cobre é menos frequente que o latão, e os diâmetros são de 29 a 31 milímetros.

4.º grupo, século XVI, legendas em dois círculos, cobre e latão módulo de 28 a 30 milímetros.

O 5.º grupo é um conto datado de 1556.

É de ter em atenção, em especial, a afirmação que nos contos do 1.º grupo o autor admite a existência de contos em bolhão e não se trata de afirmação ligeira porquanto mais adiante o autor escreve:

*« São raríssimos aqueles exemplares batidos em bolhão, atribuídos aos reinados de D. Fernando e de D. João I... ».*

O artigo do Archeologo, de Campos, termina pela descrição e gravuras de alguns contos de José Ferreira Braga em que, além das legendas e descrição cuidada, se indica também o metal, o peso e o módulo.

Finalmente vejamos o que outro numismata ilustre, Dr. Pedro Batalha Reis, nos diz <sup>(1)</sup> em relação com o nosso problema.

Transcrevemos algumas passagens que julgamos elucidativas.

*« Os contos para contar como substitutos físicos que eram da moeda nas operações comerciais, assemelhavam-se por vezes, e de tal modo que os mais antigos quase se confundem com elas... Os primeiros contos, como*

---

(1) *Cartilha da Numismática Portuguesa*, pág. 401 e seguintes.

*acima dissemos, de tal modo se assemelhavam às próprias moedas que deviam representar, que até numismatas modernos as consideraram moedas, cujo valor não atinavam no sistema monetário português.»*

*«Esse inconveniente deve ter sido outrora notado, o que motivou o afastamento de semelhança com os protótipos monetários, primeiro nas legendas e depois no tipo que os caracterizava.»*

*«Do reinado de D. João I por diante já o mesmo se não verifica».*

*«De passagem diremos que todos os nossos contos foram somente de cobre (sem qualquer liga de prata), ou de latão»...*

Batalha Reis indica, embora implicitamente, as características fundamentais dos contos para contar, em primeiro lugar o peso, «*cujo valor não atinavam no sistema monetário português*».

É esta sem dúvida uma característica muito importante na classificação de um numisma quando se trata de o classificar como conto ou como moeda.

Outra característica de importância é certamente o metal em que foi batida a peça, e muito embora em desacordo com Manuel Joaquim de Campos (citação anterior em que se afirma a existência de contos em bolhão), o Dr. Batalha Reis diz que o material de que são feitos os contos nunca foi liga de prata.

Não conhecemos nenhum espécimen de conto (sobre o qual não se possa estabelecer controvérsia) que tenha sido feito em bolhão, todavia não nos parece improvável que os tenha havido pois que, como é do conhecimento geral, em outros países os houve, quer em bolhão, quer em prata ou mesmo em ouro,

Isto não invalida que uma outra valiosa informação, na destrição entre moeda e conto, seja na realidade o metal de que é feito o numisma.

De todo este arrazoado se pode concluir, em primeiro lugar, que a confusão apenas se pode dar nos numismas gravados até ao reinado de D. João I, isto é, durante o primeiro período de M. J. de Campos, pois não parece fácil, na realidade, que se levantem hoje confusões com as moedas de Afonso V ou João II como aconteceu, e Teixeira de Aragão cita na pág. 6 da sua *Histoire du Travail*.

A classificação de um numisma tem então de ser efectuada tendo em vista factores diversos e que vamos enumerar pela ordem da sua importância, sem contudo negar que qualquer deles, em condições especiais, pode adquirir uma importância primordial.

Temos assim :

- a)* Peso — Possibilidade de pelo peso se integrar no sistema monetário da época, e mais restritamente ainda, dentro de uma série monetária.
- b)* Módulo — Idênticas observações às anteriores.
- c)* Metal — Liga metálica, densidade, determinação da liga.
- d)* Legenda — Possibilidade de deturpação voluntária de palavras, repetição de letras e palavras.
- e)* Manufatura do numisma e figuração dos símbolos gravados. — Diferença em relação às moedas conhecidas.

E ainda, e, sem constituir factor decisivo é de ter em conta a opinião, evidentemente de carácter subjectivo, que pessoas conhecedoras de assuntos numismáticos possam ter em relação ao numisma em estudo.

\*

\*   \*

Vamos agora descrever alguns espécimens em relação aos quais se podem estabelecer dúvidas e sobre eles aplicar as considerações anteriores com o propósito de tentar a sua diferenciação.

**Fig. 1** — Numisma que pelas legendas foi batido no reinado de D. João I, de peso 1,54 com aparência de cobre ou bolhão extremamente baixo, mal conservada.

A ornamentação do anverso pode ser considerada pouco vulgar e parecida com a dos contos pois que é semelhante à dos contos n.<sup>os</sup> 3, 5, 6 e 9 de Meili.

Trata-se de uma moeda ou de um conto?

Para tentar responder analisemos pormenorizadamente o numisma:

*a)* Peso — 1,54 gramas, e como não é um exemplar completo, não é exagero computar o seu peso inicial à roda de 1,7 ou 1,8 gramas, o que corresponde a cerca de 36 grãos.

É peso possível em moedas de 1409 a 1415 (38 48/120, Teixeira de Aragão).

*b)* Módulo — 20 milímetros.

Levemente superior ao diâmetro de moedas denominadas  $\frac{1}{2}$  reais (19 milímetros) na classificação do Engenheiro Raul Couvreur (1).

c) Metal — É uma liga que contém além de cobre uma percentagem pequena de um metal menos denso, como se pode reconhecer tendo em atenção a sua densidade ( $d=8,3$ ), valor mais baixo que a densidade do cobre.

d) Legendas — Perfeitamente correntes em moedas do reinado e não tem deturpação alguma que denuncie tratar-se de um conto.

Anverso: Quinas

IhN — ... — .PO — RTº

Reverso: Cruz

ADIVTOR... NO...

Em baixo: P — O (Porto)

e) Manufatura e representação dos símbolos — muito semelhante ao que se encontra em moedas deste reinado, embora a ornamentação do escudo não seja vulgar.

Note-se a semelhança com o reverso da moeda n.º 52 da Cartilha de Numismática.

Julgamos tratar-se de uma moeda, pois não há no numisma qualquer indício que denuncie o conto para contar.

Será assim um novo  $\frac{1}{2}$  real a acrescentar à já longa numária do Mestre de Avis.

**Fig. 2** — Trata-se, com evidência, de um conto para contar, pois que basta ter em atenção a liga metálica, que pela cor é certamente latão, para o podermos afirmar.

O mesmo poderíamos concluir pela análise das legendas, que são:

Anverso: Quinas

DIV — D. . — DI . — DI.

Reverso: Cruz

RX — RX — RX — RX

e que permitem classificar o numisma como batido no reinado de D. Dinis, e portanto do reinado em que, julgamos, apareceram em Portugal pela primeira vez os contos para contar.

(1) Moedas de D. João I — Tomo 3.º da *Revista de Arqueologia*.

A forma da cruz, pois que esta figuração não aparece na numária deste monarca, pode ser levada à conta de deturpação propositada.

O peso é 1,4 gramas e a densidade é 7.

**Fig. 3** — Descrição em J. J. Campos <sup>(1)</sup> como conto de D. João I, na colecção Ferreira Braga.

Apenas nos referimos a este conto para mostrar que as dúvidas que surgiram quando nos veio à mão, puderam ser esclarecidas pelo critério exposto.

a) Peso — 2,75 gramas, o que não parece concludente em virtude de as únicas moedas de cobre do reinado, os ceitis, se apresentarem com pesos que vão de 1,8 a 2,3 gramas.

Contudo a pequena diferença notada pode ser apontada como uma primeira indicação.

b) Módulo — 23 milímetros, somente possível em ceitis do reinado.

c) Metal ou liga metálica — Aparência de cobre, de densidade igual a 7,5, portanto menor que a do cobre, permite dizer ser a liga de cobre com um metal mais leve (cobre com estanho ou talvez latão com estanho).

d) Legendas

Anverso: Quinas

✠ IhNSoDEIoGRAoREXoPO

Reverso: Cruz

✠ IhNoDEIoGRACIAoREXoPO

O AC de GRACIA em monograma

A repetição da legenda não é normal, e ainda menos a falta do S no nome do rei e monograma AC.

e) Manufactura muito diferente das moedas da época, cruz de Aviz desenhada de maneira diferente da usual, ornamentação invulgar.

A densidade, a legenda e a ornamentação mostram tratar-se de um conto.

---

(1) *O Arch. Port.*, vol. 7.



**Fig. 4** — O espécimen tem a aparência de uma barbuda do Porto e só uma análise cuidada nos indica algumas anomalias. Assim:

*a)* Peso — 3,0 gramas, muito inferior ao peso normal (4,3 gramas, Aragão) muito embora conheçamos barbudas do peso igual a 3,7, em razoável estado de conservação.

Vem a propósito lembrar que as barbudas que têm as letras PORT, foram mandadas recolher, por reclamação popular, devido ao seu peso e escassês de prata, «minguadas da lei», e todavia têm além da aparência de prata o peso de 3,7 gramas.

*b)* Metal ou liga metálica: Parece tratar-se de um bolhão muito baixo, mas outro exemplar muito semelhante que possuímos de peso 3,2 e densidade 8,7 é totalmente de cobre.

A densidade desta peça é 8,9 o que indica a possível presença de prata.

*c)* Legendas.

Quer no anverso quer no reverso apresenta particularidades que ainda não pudemos constatar em outro numisma, e que nos parecem flagrantes deturpações.

Assim:

Anverso (Busto armado e coroado)

✠ SI:DNS:MICHI:AIVTOR:NON:RIOC

Reverso (Cruz contornada por castelos)

✠ FERNDVS:REX:..... TVGALI:... IR.

A terminação da legenda do anverso deveria ser TIMEBO e, é evidente que não se trata de um engano, pois que o outro exemplar semelhante já referido termina em R. O.

Note-se no reverso a grafia do nome do monarca, deturpada pela falta de 2 letras.

*d)* Manufactura e figuração dos símbolos. — Não é muito diferente das barbudas conhecidas, porém apresenta um maior cuidado na gravura: coroa com flores de 2 pérolas entre os florões; gargantilha entre o elmo e o pescoço; rosácea, junto do escudo, de maior perfeição que a usual.

Trata-se de uma moeda, de um conto para contar ou de uma falsificação da época? Dizemos da época, porque a ser recente não valeria a

pena a gravação e, certamente teria sido cunhada como cópia exacta de alguma outra conhecida, o que se não verifica.

Não nos parece uma falsificação por se tratar de uma peça com aparência de cobre e que no seu tempo não poderia ser passada como moeda de bolhão, ademais, o seu peso é tão diminuto que não parece crível que os fabricantes executando cunho ainda mais perfeito do que o das moedas correntes, não lhe dessem, pelo menos, um peso muito aproximado.

Julgamos, portanto, tratar-se de um conto e, embora nos inclinemos para esta hipótese, sabemos contudo que os argumentos aduzidos poderão ser contraditados.

Gostosamente agradecemos ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Engenheiro Raul da Costa Couvreur, que nos permitiu descrever a moeda de D. João I e o conto de D. Dinis, numismas que fazem parte da sua celebrada colecção.

Igualmente expressamos os nossos agradecimentos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo v. d. Niepoort por nos ter fornecido mais as seguintes indicações a respeito do numisma citado em primeiro lugar (Fig. 1):

— Na sua colecção existe um exemplar semelhante, em bom estado de conservação, que apresenta na legenda do Anv. a abreviatura IhNS, completa, enquanto a moeda descrita só tem gravado IhN.

— O catálogo Schulman, da colecção Judice dos Santos, na pág. 31 e com o n.º 504, enumera um outro exemplar, chamando-lhe, interrogativamente, real de 10 soldos.

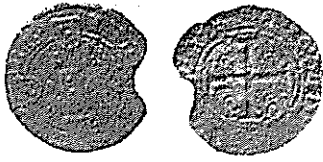


Fig. 1



Fig. 2



Fig. 5



Fig. 4

